

# TEMPO DE AMAR

VOLUME III



CONTOS E POEMAS DE AMIZADE E AMOR



---

ADEMIR PASCALE

---

ORGANIZADOR

# **ADEMIR PASCALE**

## **ORGANIZADOR**

Copyright © por Autores  
Projeto editorial por Ademir Pascale  
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores  
Obra protegida por direitos autorais  
2021  
Patrocínio:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# SUMÁRIO

**CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS**

**Um amor familiar, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 05**  
**Outros, por Bert Jr., pág. 07**  
**Essa mesmice, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 13**  
**A noite, por Jaqueline Mirian Muniz Bandeira, pág. 15**  
**Ninguém sabia, por Jaqueline Mirian Muniz Bandeira, pág. 17**  
**Entre letras, números e política, por Roberto Minadeo, pag. 19**  
**A escadaria, por Roberto Schima, pág. 29**  
**Louvor ao amor, por Samuel P. D. Couto, pág. 33**  
**Um amor de rio, por Sílvia Pavanelli, pág. 35**  
**Aquariana, por Vinicius Leal pág. 41**  
**Conheça outros títulos da coleção, pág. 45**

**Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale**  
**E-mail: ademirpascale@gmail.com**

**VISITE:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

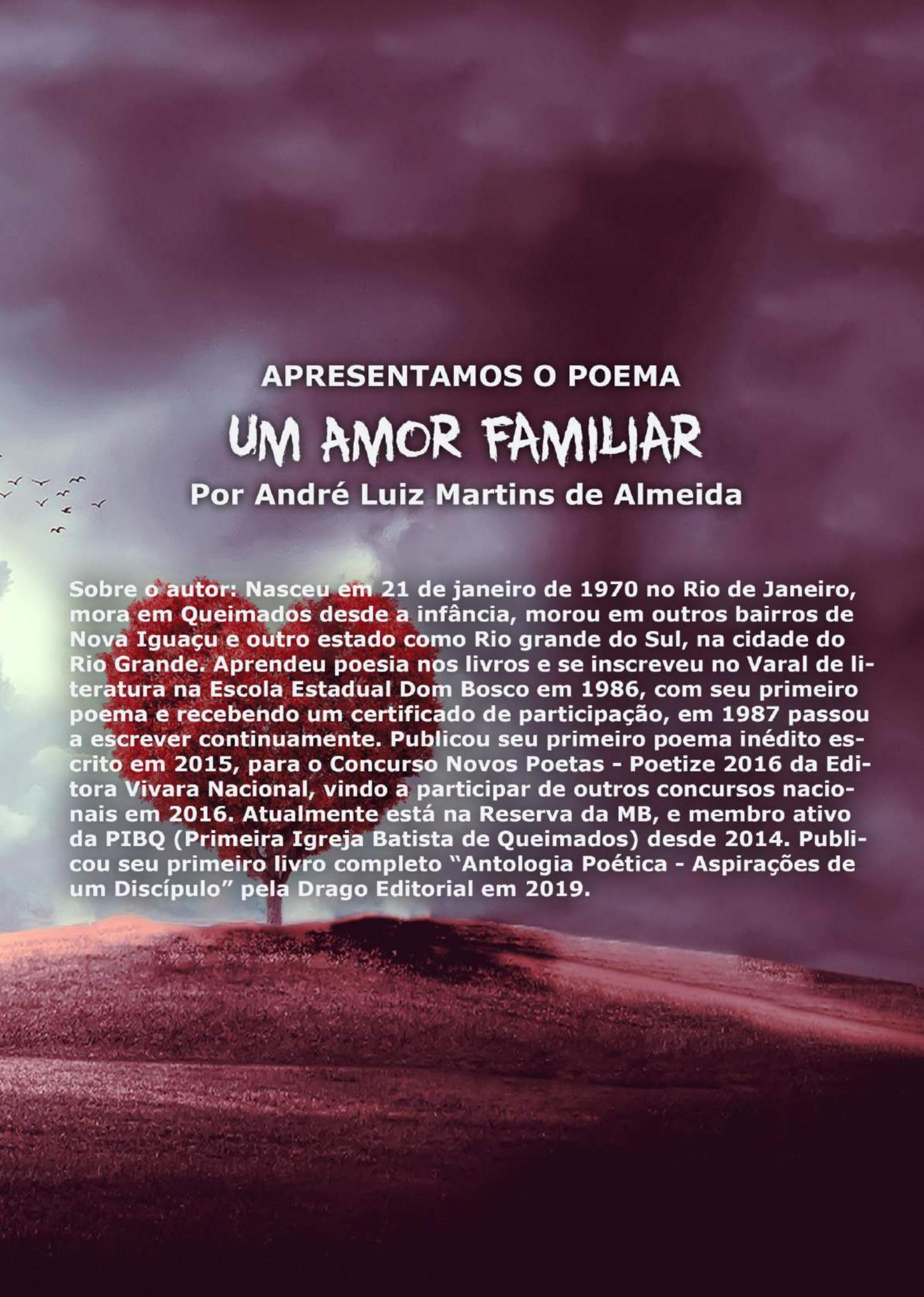
**[www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br)**

**[www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura)**



*Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.*

— Clarice Lispector



**APRESENTAMOS O POEMA**  
**UM AMOR FAMILIAR**

**Por André Luiz Martins de Almeida**

**Sobre o autor: Nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, mora em Queimados desde a infância, morou em outros bairros de Nova Iguaçu e outro estado como Rio grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na Escola Estadual Dom Bosco em 1986, com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação, em 1987 passou a escrever continuamente. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional, vindo a participar de outros concursos nacionais em 2016. Atualmente está na Reserva da MB, e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro livro completo "Antologia Poética - Aspirações de um Discípulo" pela Drago Editorial em 2019.**

Sabemos que o amor é inexplicável,  
Há muitos fatores e uma lista de sentimentos,  
Que influenciam o coração e seus batimentos,  
Como também, seguir uma receita com mistura aplicável.

Queremos um amor que pode nos auxiliar.  
É o mesmo em qualquer língua, o amor familiar.  
Tem o poder de fazer os membros da familiar se reconciliar.  
Um amor sem fronteiras no âmbito familiar.

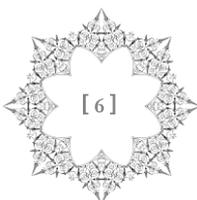
Uma mistura no amor familiar tem algum valor?  
Desde que una a família e não desconfigure a receita do amor!  
Se oponha ao perigo e tenha como objetivo gerar calor  
De comunhão, seja prático e compartilhe do Senhor o temor.

Falamos de um amor que não tem duas caras para avaliar.  
Um amor sóbrio, sereno e compreensivo, o amor familiar.  
Vem para os membros da família o amor conciliar,  
Para que não se perca com outra coisa para retaliar.

Somos felizes assim com este tipo de mistura.  
Sei que falo, que mais parece uma aventura.  
Fomos desafiados a poetizar na atual conjuntura,  
Para falar de um amor sem fronteiras, no âmbito familiar da cultura.

Cultura de um povo guerreiro historicamente.  
Temos pouco mais de quinhentos, somos uma criança geograficamente,  
Que necessita do amor familiar continuamente,  
Para que cresçamos como Pátria coletivamente.

Sim, temos que nos orgulhar do nosso amor familiar!  
Ele que nos protege e sua missão é sempre auxiliar  
E dar cobertura a um poder maior no âmbito domiciliar!



**APRESENTAMOS O CONTO**

# **OUTROS**

**Por Bert Jr.**

**Sobre o autor: Gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS transferiu-se para Brasília, a fim de cursar Diplomacia no Instituto Rio Branco. Em sua experiência como diplomata já esteve em diversos países. Escreve poemas e contos, havendo publicado Fict-Essays e contos mais leves, seu livro de estreia na ficção, no final de 2020. Também compõe músicas e letras, considerando-se um "violonista amador intermitente". Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos literários e musicais. Tenciona publicar, em breve, um livro de poesia e um segundo volume de contos.**

**C**anseira. Fugitivo sem ser procurado, rês desgarrada de bando fantasma. Desatino. Caminhar estúpido entre rotas sem destino. Feito corpo preso a funções feitas para teimar em seguir. A vista, cansada, já não admira a ida e a vinda de cada mirada.

Sai daí — diz o outro. Vem dar num rumo sem trilha — convida.

E dali passo a um chão diferente, não menos estranho. Cálido, talvez em excesso para pés que se arrastam e sonham parar. Porém esse é um sonho dos que a gente não lembra acordado. Sobra o perder-se. Das pisadas no solo constato, ao menos, o plano do terreno, que faz brotar a vaga noção de uma improvável vantagem. E talvez fosse, num contexto qualquer que tivesse sentido.

Sigo em frente, ou para trás, sei lá. Resmungo. O outro — calado, enquanto tudo não melhora.

Uma vegetação rasteira volta e meia se enrosca nos artelhos e adjacências das extremidades inferiores. Livrar-se dos embaraços aumenta a fadiga, mas compensa ao quebrar a monotonia da marcha. A partir de não sei quando, vou sentindo rarear a fiação vegetal. Agora já nada mais quase impede o arrastar-se dos pés. O terreno se torna menos compacto, recoberto com uma capa corrediça e granulosa. Dobro uma esquina invisível e me encontro com a ventania. Tomado de golpe pareço, no incapaz de avançar, quem se debateria em armadilha de areia. Alguém dentro de uma ampulheta.

Sente esse cheiro, a umidade no ar — aparta o outro. Ele lá, eu cá.

Mareada, a areia já não escorre no vento. Olho em torno e é o mesmo desconsolo, só que novo de elementos. Penso: os grãos desse tempo é o que forma desertos. Os pés prosseguem, envoltos agora numa crosta áspera e farelenta. O mar se avizinha. Ressoa. Esparge gotículas. Maneja suas armas de sedução. Resisto. Sou do chão. Desconfio do que não se vê. A bruma de hoje, quem sabe o que esconde...

Prossigo já não, sim os pés. Porque o lambar das ondas é carícia que os anima. Ademais a brisa, transmudada de lado, vem dar impulso ao tronco. Assim as pernas ficam livres para apenas fazer andar a si mesmas. Do céu cinzento não quero presságios. Apesar disso, olho para a espuma e nela vejo o aéreo semblante, copiado nas bolhas que se rompem feito imenso dominó de peças explosivas, cuja infinita cadeia de estouros emudece as letras de um longuíssimo bilhete anônimo.

Estás vendo aquele ponto escuro lá adiante? Aves voando em círculo? Anda ver o que é. Acredita — ouço dizer o outro.

Vou na direção em que eu já vinha. Arenga não puxo. Insisto no rumo. Junto a um cômodo de areia feita parda pela sombra do próprio dia está o ponto do qual me aproximo. Se tivesse apostado, perderia. Porque em lugar de inabitável, são boas as condições em que se encontra a choupana. Faz-se evidente que há vida no local. Os restos de peixe, o carvão no fogareiro, o pote de sal, fatores na equação geral da subsistência humana. E as redes estendidas. Uma dentro, outra fora.

Deito na de dentro. O dia está fresco, apetece sentir-me abrigado depois de tanto tempo sem teto. Na penumbra da sala, pronto adormeço. O sonho me traz de volta um dia parecido aos recém-vividos. Uma claridade indefinida, que se insinua detrás de espessa barreira de nuvens. A aridez. Seu desconforto. Ao mesmo tempo, o não entregar-se de todo a outro contexto. A profundidade com seu repuxo, alçapão armado com isca de ondas. Remexo. Na rede me enredo. E a ânsia. Esse engasgo que vem e que vai. Um quase afogar-se sem água.

De olhos fechados, sinto pairar sobre o rosto uma tonalidade alaranjada e logo um calor formigando nas pálpebras. Abro apenas uma fresta numa delas, o suficiente para caber a silhueta plantada na soleira da única porta. O dia mudou, pensei. Ainda deitado, vou expandindo a vista. Busco entender. Um clarão solar invade o recinto. Cores novas, ou que havia esquecido, irradiam-me a visão. O dia mudava, sim, de uma forma inusitada. Um halo adorna o bulbo no topo da silhueta, de onde emergem fios incandescentes que fazem acender o dia. Acho que é isso. E também, quem sabe, a veste de malha, na parte superior do corpo, reagindo com delicadeza ao hálito marítimo do vento. Coisas que vêm à mente.

Sai daí. Levanta! — diria o outro.

É ela quem se move. Primeiro uma perna, logo outra, em passos curtos, decididos. Só então ergo-me um pouco. Lança-me a luz do olhar e já não sei se deito ou salto da rede. Volta-me as costas, em direção ao fogareirinho. Vejo suas pernas longas e rijas, curtidas do sol, em seu encaixe onduloso com o restante do corpo. Estou aqui, penso de mim mesmo. De repente, um par de metros desafia o andar de quem já caminhou tanto. Como faço, quero perguntar ao outro. Assombro-me ao saber o que ele diria — vai!

Olho em volta, enquanto ela permanece de costas. O outro não está.

Moras aqui há quanto tempo? — ouço-me dizer, sem planejar.

Não sei. Não conto os dias. E as horas tomam contam delas próprias, têm o claro e o escuro para se guiar — responde ela, numa voz levemente rouca.

Como te chamas? — indago.

Não lembro. Queres me chamar como? — responde a voz no corpo que gira em minha direção.

Não sei — digo surpreso. Deixa eu pensar...

Pense o tanto que quiser. Eu vivo aqui. Segunda rede já tenho — oferece a moça.

Doideira. Convite de uma desconhecida a um estranho. Feito sem saber o próprio nome, sem sequer querer saber o meu. E o outro, que não volta...

Degluto o peixe que ela serve à tardinha. Mais salada de algas ligeiramente passadas no calor da brasa com farinha. E água de coco, acrescida de gotas de maresia, para aplacar a sede e revigorar o ânimo.

Ao escurecer, sentamos do lado de fora, a pele renovada pelo efeito da brisa e de uma lua perto de ser redonda. Então ela pergunta de onde venho, para onde vou, por que me detive, qual o meu nome.

Apresento respostas mirradas, mas sinceras. Explico o possível: aquilo que para mim mesmo é pouco. Reconheço em seu rosto, rajado de claridade e sombra, os sinais da inquietação. Percebe no meu pouco um reflexo de si mesma? Talvez esteja no aguardo de um complemento à sua própria história. Não sei. Não espero saber.

Inclino a cabeça, sentado na areia com os braços retesados para trás, e percorro a imensidão, em busca de um sinal. Nenhuma estrela cadente cruza o espaço. Penso: o que diria o outro — arrisca, respondo.

Então começo a contar sobre um tal Cereu.

Cereu tinha nascido com a sina de estranhar tudo. Desde pequeno, era o desassossego de pensar diferente. A sensação de estar vivo, cercado de defuntos. E ao mesmo tempo de ser visto como um defunto. De ver o desapontamento dos outros porque

suas medidas não correspondem às do caixão confeccionado para ele com tanto zelo. Na escola, o estranhamento dói com força redobrada. Assiste as aulas como zumbi. Não consegue fazer amigos. Seus trabalhos de grupo são solitários. Um dia, acorda e vê o outro, olhando sério para ele. Disfarça e persiste — diz o outro. Cereu resolve ouvi-lo. Termina o colégio e arranja um trabalho. No trabalho, se dedica. Arranja namorada. No namoro, se dedica. No trabalho, querem que as coisas não façam sentido. Ele reluta, é despedido. No namoro, o que é emoção tem que virar compromisso. Ele reluta, é despachado. Cereu quer parar de estranhar. É assim mesmo, a natureza do mundo é ser estranho — diz o outro. Normalidade é coisa dada. Quer viver noutra mundo? Inventa — exclama. Cereu toma coragem. Deixa tudo para trás e vai reinventar a vida noutra lugar.

Carece se imaginar— diz a ouvinte, nova expressão na face.

Sim. E dar-se conta — acrescento.

Dar-se conta... — repete. Meu nome é Estela.

Tudo acontece sem plano nenhum. Apenas porque os elementos que importam estão todos reunidos: terra, céu e mar. E ainda, talvez porque estejamos alinhados a uma constelação auspiciosa, pairando diretamente acima. Por isso, simplesmente nos aninhamos sobre a areia e passamos a viajar um no outro, sem pressa.

De manhã cedo, nos vemos acordando aos poucos, um ao outro, seu sorriso um adorno feito para realçar a luz, toda luz.

E agora, o que diria o outro? Vive — sei que diria.

Com uma animação bem-vinda, no corpo e na voz, conto a Estela sobre o outro. Todos os conselhos que dele ouvira. E sobre como, de repente, passara a saber o que o outro iria me dizer.

Desde ontem, quando nos conhecemos, não o vejo — comento, não sem trair inquietude.

Dela escapa um riso curto, de quem se deixa insinuar algo que os demais não suspeitam.

Que foi? — indago. Sabes onde está o outro?

E ela, com naturalidade, apontando ao longe, na direção de um dos pontos cardeais:

— Fugiu com a outra.



**APRESENTAMOS O POEMA**

# **ESSA MESMICE**

**Por Cristiane de Mesquita Alves**

**Sobre a autora: Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Autora do livro Riscos de Mulher (Editora Todas as Musas).**

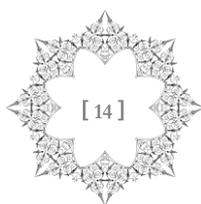


Essa tela  
esse frio  
das imagens que paralisam  
o contato humano  
deveria ser só  
depois que a pandemia se instaurou...

Esse medo  
essa ânsia  
essa angústia  
essa espera  
deveria se acabar  
depois que nosso encontro se realizou.

Essa solidão  
mesmice de um coração  
por muito tempo  
sem um par  
deveria não mais existir  
depois que eu estivesse  
ao seu lado.

Esse amor  
essa (in)correspondência torta  
deveria já ter acabado  
afinal,  
você por enquanto,  
ainda está ao meu lado.

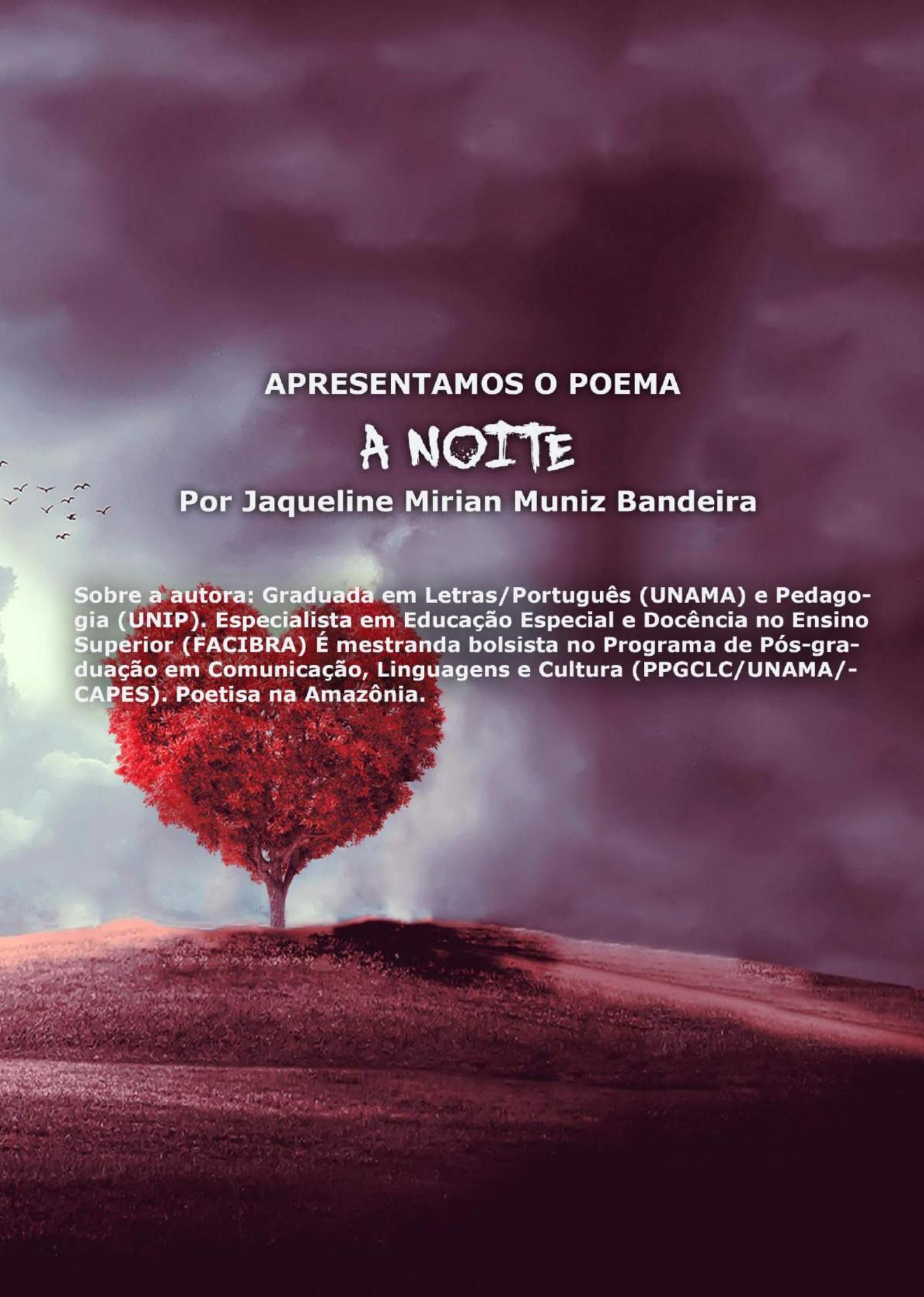


**APRESENTAMOS O POEMA**

# **A NOITE**

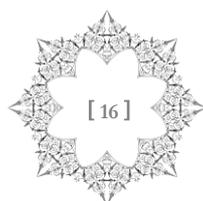
**Por Jaqueline Mirian Muniz Bandeira**

**Sobre a autora: Graduada em Letras/Português (UNAMA) e Pedagogia (UNIP). Especialista em Educação Especial e Docência no Ensino Superior (FACIBRA) É mestrand bolsista no Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA/-CAPES). Poetisa na Amazônia.**



A noite caia,  
O coração apertava e a alma abatia.  
A madrugada viria,  
E ela sabia que não dormiria.  
As lágrimas caíam,  
E no peito a respiração faltava.

A noite acolhia aquele coração que esbravejava  
Gritava pelo renascer do dia  
Porque ela sabia que a dor a deixaria  
Até o entardecer do outro dia.



**APRESENTAMOS O POEMA**

# **NINGUÉM SABIA**

**Por Jaqueline Mirian Muniz Bandeira**

**Sobre a autora: Graduada em Letras/Português (UNAMA) e Pedagogia (UNIP). Especialista em Educação Especial e Docência no Ensino Superior (FACIBRA) É mestranda bolsista no Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA/-CAPES). Poetisa na Amazônia.**



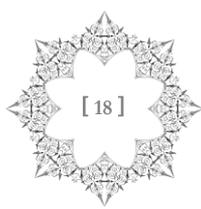
Ninguém sabia  
A dor que ela sentia,  
A falta que fazia,  
O amor que só ela sentia.

Até a morte a sucumbia...

Até que um dia,  
O sol nascia,  
E ela sorria.  
Mas ninguém sabia.

O coração cantaria,  
Que o amor renascia,  
E a dor sumia.  
E ninguém sabia.

Ela sentia o respirar da vida,  
O ardor da alegria.  
É o amor que renascia: O próprio!  
O que ninguém sabia.



**APRESENTAMOS O CONTO**

# **ENTRE LETRAS, NÚMEROS E POLÍTICA**

**Por Roberto Minadeo**

**Sobre o autor: estudou Administração (USP), área em que fez Mestrado (UFRJ). Obteve seu PhD em Ciências da Eng<sup>a</sup> da Produção (UFRJ). A partir de 1996, publicou obras técnicas em Marketing e Estratégia. Lançou a antologia "Sonhos Fulgurantes" (Amazon, 2020): <https://www.amazon.com.br/dp/B088P8D8RK>**

**Em 2021 lançou o romance/drama "Duas Irmãs". É membro da ANE – Associação Nacional de Escritores, criada em 1963. Seu e-mail: [rminadeo@gmail.com](mailto:rminadeo@gmail.com)**

**Redes sociais:**

**<https://www.facebook.com/Roberto-Minadeo-Escritor-105594060914033>**

**<https://www.instagram.com/robertominadeo>  
[researchgate.net/profile/Roberto\\_Minadeo](https://www.researchgate.net/profile/Roberto_Minadeo)**

John conheceu Samira, bela morena ao estilo oriental, com misteriosos e atrativos olhos claros, que viera cursar Matemática em uma pequena universidade norte-americana. Coincidiram em sentar-se ao lado um do outro desde o início, e em fazer ombro a ombro as tarefas de todo o penúltimo ano. O início do período acadêmico marcava o ponto culminante do outono, que auxiliou a que os sentimentos entre eles rapidamente atingissem o tão desejado e difícil ponto da fervura.

Todavia, neste momento Samira voltou ao seu pequeno país, confidenciando, à hora do embarque, estar com casamento marcado. Ele não gostou nem um pouco do episódio: afinal, ela que não chegasse tão perto do fogo se de fato quisesse bem ao seu futuro e distante marido.

Vivia-se a descontração do final dos anos 1960. John procurou se esquecer da bela colega, formou-se e começou a lecionar nessa mesma universidade. Em seu primeiro ano como professor, ele foi procurado à saída das aulas, ao final de uma ensolarada manhã de quinta-feira. Samira estava ali. Ele fechou a cara, e não queria conversa.

A pobrezinha se viu obrigada a abrir o jogo: enviudara. John suspirou, sentindo-se ofendido e usado: ela veio estudar, não disse nada, os dois se apaixonaram, então ela desaparece para se casar. Agora que enviuvou e não há mais o que fazer, resolve se lembrar do seu pobre e distante colega. Ela reconheceu que as coisas não haviam sido exatamente dessa forma, e fugiram do controle.

Foram almoçar, pediram sanduíches e cervejas. John perguntou o motivo da viagem, afinal, ela era uma atraente e jovem viúva, não faltariam pretendentes em sua própria pátria, mais recomendáveis do que ele, um modesto professor interiorano de uma distante nação. Samira retribuiu com um riso amarelo, e disse que buscar pretendentes em sua terra estava fora de questão: seu pai fora ninguém menos do que o mandatário de seu país, pequeno, porém riquíssimo. Seu casamento fora uma imposição política – que visava unir duas famílias importantes. Ela era jovem, e sem condições de fugir desses arranjos comuns em sua nação.

Um incrédulo John arregalou os olhos, dizendo que jamais desconfiaria que ela era tão importante. Não perdeu a oportunidade de brincar, dizendo que foi bom ter escapado antes de se envolver nessa perigosa encrenca de Relações Internacionais. Ela não gostou nada da brincadeira, o que manifestou mediante um olhar de reprovação. John perguntou:

— Não estou entendendo nada, se o seu pai fora o Presidente de seu país, qual o motivo de seu retorno, após ter enviuvado?

Samira foi evasiva:

— As coisas não são tão simples quanto eu gostaria...

Desconfiado e arreadio, John perguntou:

— Por acaso houve algum elemento suspeito na morte de seu marido?

Ela respondeu que pelo menos quanto a isso, infelizmente a verdade era clara. Após o noivado, ele foi diagnosticado com um raro e agressivo tumor. Enquanto ela fez o intercâmbio, ele se submetera aos melhores tratamentos mundo afora, mas, sem sucesso, o que causou aquele retorno abrupto. Infelizmente, o casamento, mesmo naquelas circunstâncias, veio a se mostrar inevitável e a prevista viuvez se sucedeu em poucos meses.

Com a maior perplexidade em toda sua expressão corporal, John disse:

— Então... ainda não estou entendendo o motivo de sua viagem...

Samira interrompeu, chorosa:

— ... eu não consegui falar, calma! Estou tentando juntar as ideias, reunir coragem, sei lá...

— ... que diabos, já estou ficando assustado, você precisa falar logo.

Samira enxugou as lágrimas com a manga da blusa e disse que o seu pai havia sido eleito oito meses atrás...

John interrompeu:

— ... eleito pela primeira vez para a Presidência?

— ... isso mesmo... ele fala diversas línguas, e já assumira os cargos mais díspares, sempre com grande sucesso. No entanto, após seis meses de governo, veio um golpe que culminou na sua prisão. Ela, órfã de mãe desde cedo, filha única e recém-viúva, já esperava o pior...

John interrompeu:

— ... como assim, o que pode ser pior?

Ela prosseguiu, dizendo que seu pai esteve preso e sem direito a visitas durante os últimos dois meses. O grupo no poder, alegando medo de represálias, organizou um “julgamento” sumário. Afirmaram que seu pai enriquecera de forma ilícita. Ela sabia ser impossível que quaisquer recursos escusos houvessem ingressado no parco patrimônio familiar.

A tensão cresceu e o semblante de John se fechou, adivinhando o que poderia ser o “tal pior”. Às últimas frases Samira não conseguiu evitar novas lágrimas: seu pai conseguiu

um raro amigo para mandá-la largar o país com urgência. Ela saiu, escorraçada, com passaporte falso, apenas levando a roupa do corpo e sem ter podido sequer ter dado um abraço de despedida. Concluiu dizendo que tudo fora muito rápido: a ascensão à Presidência e desta à próxima e garantida decapitação.

John se lamentou de como a tratara. Pediu desculpas e mais cervejas.

Ela não tinha contatos em outros países e a Chancelaria de sua pátria não se mostraria disposta a facilitar a vida dela no exterior. A ideia do intercâmbio viera do noivo, para que ela não sofresse ao seu lado enquanto ele corria de tratamento em tratamento, e para que não compartilhasse de uma total perda de esperanças. Ela apenas concordara ante o argumento de preparar-se a um possível desenlace ruim da doença. Ninguém poderia imaginar que ela também perderia o pai, um ano depois.

John disse que seria bastante dura a nova etapa de sua vida. De filha de um Presidente a colega de um reles professor de Matemática de uma cidade do interior. Ela mostrou as vantagens da situação:

— Na verdade, durante o curto período de meu pai no poder, eu estava na condição de recém-viúva, e não participei em nenhuma cerimônia nem viagem oficial. Eu estava prestes a começar a viver, quando veio a prisão; então, nunca precisei renunciar a nada. Agora, a discrição daqui é tudo que preciso. Além disso, não disponho de recursos e, segundo me recordo, as coisas são bem mais baratas, e combinam com o estilo de vida despojado que vou precisar encarar.

Afogaram as mágoas entornando as últimas garrafas. Ele perguntou se haveria inconvenientes em dividirem o apartamento, prometendo se comportar à altura de uma hóspede tão ilustre; ela ficaria em seu magnífico quarto de solteiro, enquanto o pobre professor iria dormir no sofá. Rindo, ela disse que isso era o mínimo que ele poderia fazer, e o máximo que ela poderia esperar. Em seguida, ele teve a iniciativa de saírem para comprar roupas para Samira.

No sábado, John se viu na obrigação de algumas perguntas prosaicas:

— Haveria algum risco de você ser procurada pelos inimigos de seu pai?

— O risco é baixo. Não represento perigo algum e aqui é um lugar tranquilo, estou longe de qualquer badalação.

— Estive pensando na conveniência de a Secretaria de Estado saber quem você é. Sei lá, ninguém sabe o que pode acontecer...

— Boa ideia, vou estudar o problema.

Samira queria completar o curso de Matemática, John facilitou a matrícula. Com facilidade para línguas, ela começou a ministrar aulas particulares para não ser um peso morto ao colega.

Faziam um acompanhamento à distância dos jornais, evitando falar da pátria dela. O dia fatídico da aplicação da pena capital se aproximava. John e Samira, cada um à sua maneira, mergulharam nas fórmulas e abstrações, que ajudavam a esfriar a cabeça, impedindo que a dura realidade lhes deprimisse o ânimo. Além disso, aprimoraram a arte de cozinhar, envergonhados ao não terem nada a oferecer ao outro além de omeletes e hambúrgueres.

De repente, uma confusa notícia os deixou agitados. O país dela sofreu uma nova convulsão que levou à libertação do ex-presidente e à comutação da sua pena para a de exílio. Comemoraram efusivamente. Samira julgou oportuno que a sua identidade viesse à tona junto à Secretaria de Estado. Chamaram-nos à capital para aguardar instruções. Nessa espera de uma semana, pela primeira vez, puderam descontraír, e fizeram alguns passeios: ela escolhia caminhadas pelos parques enquanto John era aficionado às visitas aos museus. A inesperada libertação do pai foi um bálsamo ao sofrido coração dela. O inédito tempo livre permitiu que ressurgisse a paixão que já existia.

Um telefonema trouxe a novidade. A saída ao exílio seria no dia seguinte. Seu pai escolhera viver em Portugal. Duas passagens os esperavam; chegariam a tempo de vê-lo descer do avião. Fizeram as malas e rumaram ao aeroporto.

No tão ansiado dia, Samira se surpreendeu ao ver seu pai descer as escadas do avião abraçado a um jovem, próximo dos trinta anos de idade, corpulento, sorridente e portador de um bronzeado digno de frequentador de iate. No saguão do aeroporto, pai e filha se abraçaram e soltaram aquelas lágrimas de alegria represadas por tanto tempo. Depois de longos minutos, o pai chamou o misterioso garotão. Perguntou a ela se suportaria a alegria de uma grande surpresa. Ela não sabia o que dizer. Veio a apresentação:

— Pode abraçar o seu irmão!

Perplexa, Samira não conseguiu se conter:

— Meu Deus!, como assim, gaguejou ela, cuja alegria cresceu misturada à surpresa.

— É uma longa história, vamos descansar, depois falamos disso, falou o pai, que pela primeira vez se mostrou sem jeito, algo incrível para um político que detinha tão grande experiência.

Apenas nesse momento se lembraram do John, que soube estar em seu natural segundo plano. O pai soubera dele mediante os recentes telefonemas. Representantes de Portugal os levaram ao hotel em uma limusine – utilizada pela maior naturalidade pelo antigo dignitário e também pelo filho, enquanto Samira e o colega não cabiam em si de estupefação ante tal luxo.

Samira, morta de curiosidade, mal pôde esperar para saber como transcorrera a libertação de seu pai e de onde saíra esse irmão, que por sua vez, não perdeu a chance de brincar, dizendo que no dia seguinte, ela saberia de tudo, dado que “papai” estava muito cansado e sem tempo para as chatas e insistentes perguntas da “caçulinha”. Foi a primeira de muitas brigas que viriam a ter pela frente. O exilado calmamente explicou, já sem paciência ao ver o conflito entre os filhos:

— Depois falo dos detalhes. Basta saber agora que é o seu irmão.

— Como eu nunca soube sequer da existência dele até hoje?

Foi a vez de o irmão entrar na conversa:

— Não vê que o papai está no banco da frente e nós dois mais o ilustre professor estamos apertados aqui atrás? Mais uma palavra e o velho vai ganhar um torcicolo e vou ter que arremessar você desta limusine em movimento!

Foi a primeira cotovelada fraterna que ele ganhou, em meio a uma gargalhada geral.

No hotel, John, apreensivo, confidenciou a Samira que esse irmão tinha uma aparência sinistra e que não parecia ser digno de confiança – embora não coubesse a um reles professor de matemática se intrometer em assuntos de uma família tão ilustre. Acrescentou que se sentia atrapalhado e que gostaria de antecipar o seu retorno. Ela não deixou: a previsão de ficar uma semana seria mantida; nada mais injusto que ele deixasse de desfrutar esses poucos dias de turismo em uma cidade tão cheia de encantos. Enquanto ela iria desbravar os mistérios da família, ele que passeasse por Lisboa. Ela fazia questão de estar com ele durante as tardes, era o mínimo que poderia fazer para retribuir toda a hospitalidade que recebera. Marota, acrescentou que o "namoro" iniciado na capital norte-americana teria que avançar em Lisboa.

Ao dia seguinte, Samira ouviu de seu pai um mundo de novidades. Havia uma prática de troca de poder entre as tribos do pequeno país, que antes da descoberta do

petróleo era pobre e atrasado – bem como todos os demais da região. Ele negociou pessoalmente a concessão para a exploração junto a uma multinacional. Seu irmão, recém-nascido, sofrera ameaças de diversos grupos, temerosos de que sua família se perpetuasse no poder, pela confluência do mando político e de eventuais vantagens materiais, que, aliás, nunca se materializaram. Assim, para salvá-lo foi oportuno espalhar a falsa notícia de que uma doença o vitimara. Escolheram mandá-lo oculto e com falsa identidade aos cuidados de uma tia, a Portugal, país reconhecido por ser muito acolhedor.

Samira brincou:

— Então nossa família tem tradição em identidades falsas...

O pai riu e pediu desculpas à filha por não ter dito nada, pois logo após o nascimento dela, viera a terrível perda também da esposa. Ele não conseguiu suportar o duplo sofrimento de criá-la sem a mãe e ainda por cima dividir com a caçulinha a existência de um irmão no exílio.

Ela escutou em silêncio, e abraçou o pai, cheia de lágrimas. O irmão foi apelidado de “gordo” por Samira. Este, cheio de si, falou da libertação do pai. Ao saber da deposição e condenação do Presidente, organizou um grupo no exílio. Obteve apoio dos países mais amigos de sua pátria, que com ela faziam os mais diversos negócios. Fizeram-se acordos vantajosos de lado a lado, sendo a libertação do ex-presidente uma moeda de troca. Assim, retornou ao país, de onde saíra no colo da tia, após quase trinta anos, para buscar o pai.

Samira teve orgulho do irmão. Ela não cabia em si de alegria, pois de uma só vez, seu pai foi libertado e ganhou um irmão de quem nunca ouvira falar – e que salvara o pai, em uma ocasião desesperadora. John foi sendo informado das coisas em meio a seu périplo em Lisboa, tendo a apaixonada companhia dela nas visitas aos museus e parques.

O “gordo” permaneceu em Lisboa, entre articulações e a espera do desenrolar da vida de seu país. Seu pai se retirou da política e começou a lecionar e a atuar como pesquisador em um programa de Ciências Políticas. Ao final de uma semana, John e Samira voltaram aos Estados Unidos e retomaram as atividades habituais. Sem alarde, se casaram – após a aprovação do ex-Presidente.

Entretanto, poucos meses após a volta do exílio, chegaram notícias que afetaram a família “imperial”, termo usado por John: “o gordo” liderara um novo golpe, desta vez para assumir a liderança do novo governo em seu país, para um mandato interino – focado na “modernização definitiva do país”. Ela falou com seu pai, que não havia tomado parte em

nada, e que preferia continuar em Portugal, apenas desejando maior liberdade de movimentos ao longo dos próximos meses, para poder visitá-los.

O “gordo”, cada vez mais cheio de si, telefonou à irmã, que aceitou visitar seu país para assistir à cerimônia de posse. Ele insistiu para que ela convencesse o pai a que também participasse, dizendo que não havia nenhum risco, pois ele estava no controle da situação desde que evitara pessoalmente a aplicação da pena capital. Ela aquiesceu, fez os telefonemas mais longos da vida, e voltou a Portugal para buscar seu pai e viajar com ele à pátria.

A situação era tão inédita, que se tornava impossível a ela negar-se, especialmente após tudo que sofrera. O irmão conseguiu que ela e o pai tivessem as melhores roupas, joias para a cerimônia e os bailes que se sucederiam. Seu pai, por sua vez, não queria causar um desgosto à filha, resolvendo ir com ela. Afinal, tratava-se da posse de seu filho como Presidente.

John ficou inquieto ante essa movimentação, mas sentiu-se impotente e sem argumentos. Limitou-se a ir com ela ao aeroporto e a recomendar que se cuidasse. A cerimônia da posse foi deslumbrante, bem como os eventos que se sucederam. Samira mal cabia em si de exultação: voltou a ter um parente próximo na chefia de seu país, e estava no centro dos acontecimentos, desfrutando do bom e do melhor. Entretanto, ao rever seus amigos, notou da parte deles um sentimento ambíguo e cumprimentos distantes – a ponto de telefonar ao marido para comunicar tal estranheza. John, desta vez, foi enfático e disse:

— Eu desconfiava de algo desde o início! Volte o quanto antes, junto com seu pai!

— Tem razão, prometo estar aí em vinte e quatro horas!

Samira foi falar com seu pai sobre o assunto. Ao dizer ao irmão que precisavam retornar, por conta de compromissos em seus respectivos países, ouviram uma evasiva, em um tom nada familiar:

— Vocês não podem sair tão cedo! Há tantas pessoas a rever! Os festejos mal começaram!

Samira abraçou o irmão, porém foi firme e insistiu na necessidade de voltar logo. Não veio qualquer resposta. Ao fazerem as malas, ambos foram procurados pelo pessoal “da Inteligência”. Foram mandados juntos à mesma prisão já conhecida pelo ex-presidente, que, filosoficamente, disse:

— Parece que John tinha razão.

Ouviu por resposta:

— A culpa é toda minha, pai, eu é que insisti para que viesse, estou arrasada.

— Confiamos demais no “gordo”, que ficou por três longas décadas longe de nós.

Trata-se de um ilustre desconhecido, ressentido por ter ficado longe de casa.

— O John desconfiou dele desde o primeiro momento; não sei como fui tão boba...

O pai a interrompeu, consolando:

— ... relaxa, a culpa é minha, eu confiei nele, pensando ser um filho...

Samira interrompeu:

— ... com um filho desses ninguém precisa de inimigos...

— ... “o gordo”, enganou todo o mundo, e acabou tramando a minha saída...

— ... aquela estória de ter sido seu salvador foi pura encenação...

— ... pior ainda, fomos usados da maneira mais torpe em sua subida ao poder...

Nem puderam continuar a conversa, por serem destinados a celas distantes.

John se alarmou após o prazo que recebera de Samira passar sem receber notícias.

Informou à Secretaria de Estado que sua esposa recebera a cidadania norte-americana e que não poderia receber maus tratos de nenhum ditador — menos ainda do próprio irmão. Após curtas negociações, depois de dois dias ela estava em seus braços. O menor de seus problemas era o fato de ter saído pela segunda vez de seu país apenas com a roupa do corpo: parecia não ser destinada à riqueza. A posse de joias e de roupas caras fora tão momentânea que sua falta não representaria qualquer problema. Brincando acrescentou que apenas gostaria de ter trazido um relógio que tanto a encantara...

O mergulho nos números e abstrações voltou a ser o melhor tranquilizante de ambos. Foram alertados pela Secretaria de Estado de que corriam perigo de vida. Receberam novas identidades e foram destinados a uma das paradisíacas ilhas do Havaí por dois meses — onde tiveram segurança vinte e quatro horas por dia. Depois disso, mudaram-se a uma cidade maior e distante daquela em que se haviam graduado. Ajudados pelas autoridades, obtiveram nova posição para retomarem as suas atividades docentes.

Poucas semanas depois, chegou a triste notícia da execução do ex-presidente. Dado que esse evento quase ocorrera algum tempo antes, sofreram menos por terem o ânimo preparado. Conversaram muito para evitar que fossem tomados por desejos de vingança.

Decorreram cerca de três anos; ambos já estavam instalados em uma aconchegante casa perto da universidade na qual lecionavam matemática; Samira fez questão de também continuar a lecionar idiomas. Ambos haviam ingressado no Doutorado.

Nova reviravolta se passou na pátria de Samira. Depois de repetidas promessas não cumpridas de convocar eleições, o ditador, já multimilionário, foi retirado à força do poder. Ao reagir, mediante as suas conhecidas artimanhas de tentar dividir os partidos que cobravam a implementação das tão prometidas mudanças, sofreu o mesmo destino que infligira ao seu pai. Uma diferença, no entanto, marcou o destino do pai e do filho: o primeiro trabalhou pelo país e sofreu de modo inocente, enquanto o segundo recebeu o merecido castigo que cabe aos traidores, com o agravante de ter sido arrastado pela volúpia do poder e das riquezas.



**APRESENTAMOS O CONTO**

# **A ESCADARIA**

**Por Roberto Schima**

**Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br).**

**N**oite.

Após um exaustivo dia a trabalhar, como geralmente fazia, sentei-me na escadaria do cursinho antes de começarem as aulas.

Fiquei a divagar.

Devagar.

Vagar.

Ficava lá no alto a observar o vazio das alturas, um céu quase desprovido de estrelas, sujo e frio. Identificava-me com aquela triste ausência como o outono de raízes fincadas em mim. Sua escuridão era a minha. Sua perdição de se estar perdido também.

Eu não buscava respostas, talvez um conforto fugaz, pois hesitava em formular perguntas das quais não via fim, tampouco sentia firmeza em saber se eu próprio estaria a fim.

Esperança é uma flor frágil. Eu não tinha adubo, tampouco água, sequer luz.

Inspirava a noite em lentas golfadas, trazia-a para o peito, tornava-a parte de mim.

Era, sobretudo, um raro momento de paz em meio ao desconforto caótico da cidade e das ondas encrespadas em meu coração.

Paz diante de um lar sem jeito, defeito, defeito. Minha mãe a gritar, acusar, repreender, chorar. Meu pai que, em suas raras presenças, nada via a falar, só o calar, sufocar, silenciar. Tampouco mudava, saía, não voltava e, em sua quietude, em gestos, abusava.

Uma ilha.

Família?

Paz diante de um serviço que nada significava, consumia, esgotava. Se havia algum colorido; indiferente, o vórtice sugava. Matizes chuvosos de cinza em seu rastro deixava. Engrenagens de uma máquina para quem, cada qual nada representava.

Gaiola de vidro.

Rostos de plástico.

Quanto as aulas, embora apreciasse os estudos, traziam matérias demais a uma mente com descanso de menos. Seria eu capaz? Ficaria para trás? Alguma diferença faz?

Tantas ciências exatas.

Tão poucas humanidades.

Oh, sim, a escadaria de cimento. Rústica. Entre edifícios cobertos de fuligem. Era um refúgio temporário, uma nau na qual era passageiro. E quão passageiro! Quanto? Dez

ou quinze minutos talvez. Vários outros estudantes acomodavam-se ali, proseando, lendo apostilas, flertando. Eu não existia para eles. Eles eram indiferentes a mim. Tudo o que eu almejava era sentir a noite, a brisa e o silêncio. Desejava fazer parte da escuridão lá no alto a vagar devagar. Mas os minutos inclementes corriam. O sinal do cursinho soava. E, para a sala de aula, num suspiro, caminhava.

As aulas se encerravam tarde da noite e, para além da meia-noite, em casa chegava. Na apreensiva quietude, punha-me a mastigar alguma coisa, tomar banho e tentar adormecer nas poucas horas de um sono que custava a chegar. Pois o cérebro podia ser um carrasco quando, no leito, fazia-me pensar, imagens surgiam, vozes a lamuriar. E a insônia, assombração insolente e inclemente, decidia atormentar.

Não queria ouvir.

Não queria pensar.

Não queria perceber.

Não queria adivinhar.

Certa noite, algo aconteceu.

Quando já me havia sentado na sala de aula e aguardava o ingresso do professor, um toque em meu ombro senti. Virei-me para trás. Uma mocinha de farta cabeleira gema de ovo, olhos grandes, castanhos e vivazes, em sua dúvida, indagou-me quais seriam as aulas que teríamos. Trocamos poucas palavras. Pouca coisa havia a conversar e, não obstante, conversamos...

... Que maravilhoso foi!

Outra noite, por feliz coincidência que o destino de vez em quando guia e traça suas próprias linhas, ao chegar na escola vindo do trabalho, na escadaria, lá estava ela sentada no degrau. Sozinha. Não acreditei. Sentei-me ao seu lado, coração palpitado. Logo, disse-lhe meio que por acaso, que acaso não havia: "Fico aqui todas as noites..."

Na noite seguinte, cruzei os dedos e, cansado, caminhei para mais aulas e mais matérias.

Vozes conflituosas dentro de mim discutiam. Logo eu que, de presenciar o monólogo de discussões em casa, saturado estava.

Ah, mas qual não foi a minha surpresa, a minha incredulidade, o meu espanto?

Lá estava: solitária, distraída, envolta em seu encanto.

Ora, ora, por tudo de bom no céu, quem diria?

E qual não foi a minha genuína alegria!

Ela.

Ela, ela...

... Ela... ELA!

Suspirei, coração batendo mais forte.

Descruzei os dedos.

Não havia mais trabalho, crise familiar, excesso de matérias escolares.

Inspirei fundo, trazendo a escuridão, as estrelas e o silêncio para dentro de mim.

Quem sabe, pudesse respirar o pólen da esperança também?

Adubo.

Água.

Luz.

Plantar um pouco do colorido da primavera. Suplantar a monocromia do outono.

Assim, de cansaço mais leve, andei resoluto.

Fui ser feliz.

\*\*\*

**NOTA DO AUTOR:** Dedicado a minha esposa, Márcia Cristina Dias Schima.

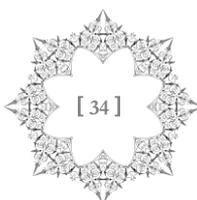


A surreal landscape featuring a single tree with vibrant red foliage standing on a grassy hill. The sky is a deep, dark purple, and a bright light source on the left creates a soft glow. Several birds are seen flying in the upper left corner. The overall mood is dreamlike and evocative.

**APRESENTAMOS O POEMA**  
**LOUVOR AO AMOR**  
**Por Samuel P. D. Couto**

**Sobre o autor: Poeta, escritor e ensaísta nascido em Juiz de Fora/MG no ano de 1998. É estudante de História (UFJF) e Psicanálise Clínica (IBPC). É criador do Blog: " Esboços de um Espectro Poético" onde publica e divulga seus trabalhos autorais e desenvolve diálogos entre Psicanálise, História e Literatura Clássica. Contato: [samuelprocopioicm@hotmail.com](mailto:samuelprocopioicm@hotmail.com)**

A flor não capitalizada.  
A borboleta desabrochada.  
A semente plantada.  
Amor, louvor pureza cultivada,  
gratidão e mais nada.  
O avesso da flor.  
O avesso da semente.  
O avesso de uma dor.  
O avesso e a frente do que nos torna gente.  
O amor que é vulcão, incenso rio, mar, céu e furacão  
O amor que é chama dentro da gente...  
O amor que nos torna mais gente.  
O trilhar do caminho,  
sob teto de berçários de estrelas na escuridão.  
Entre pedras, lírios, memórias de uma vida amada.  
A lâmpada dos olhos acesa, esquecida, desconhecida, apagada.  
A chama que arde fiel pela aliança consumada.  
Aguarda, guarda coração:  
a bela pureza cultivada.  
Amor, louvor, gratidão, corpo e alma.  
E mais nada.



A surreal landscape featuring a single, vibrant red tree standing on a grassy hill. The sky is a mix of deep purple and blue, with a bright light source on the left creating a glow. Several birds are flying in the upper left corner. The overall mood is dreamlike and artistic.

APRESENTAMOS O CONTO  
**UM AMOR DE RIO**

Por Sílvia Pavanelli

Sobre a autora: Carioca, apesar de preferir o frio ao calor, e a montanha à praia. Formada em Ciências Econômicas pela UERJ, trabalhou durante muitos anos no mercado financeiro; porém, seu coração sempre bateu com mais força pelas letras. Filha de pais amorosos, sendo sua mãe uma poeta, aprendeu desde criança a amar os livros. Ambiciona conseguir navegar nesse oceano chamado literatura e, quem sabe, levá-los a descobrir novos portos.

A floresta Amazônica e seus mistérios sempre me encantaram; confesso que desde criança ouvia suas histórias — repletas de credices e temperadas com os personagens do folclore local — com a credibilidade típica da infância; aceitando o tom mágico, que vinha da voz de minha mãe, como verdade absoluta. Talvez isso tenha me inspirado a ser jornalista e a querer escrever, contar histórias; tudo bem que reais, mas sempre histórias. A vida se encarregou de moldar meu espírito. Tornei-me uma mulher cética, objetiva. Incontáveis anos cobrindo a vida política nacional, nos ensina a duvidar da própria alma, e a ter a desconfiança como aliada.

O tempo seguia seu rumo, sem grandes surpresas. Os escândalos de corrupção já não me surpreendiam, porém, ainda me causavam repulsa; sinal de que ainda estava viva — costumava brincar dessa maneira, quando amigos ressaltavam minha ausência de romantismo com o mundo. Discordo solenemente dessa avaliação sobre minha pessoa; foi graças ao amor doce e puro que sinto por João, que aceitei o trabalho de cobrir o Festival Folclórico de Parintins.

João, ah...o João! Amigo de escola, vizinho durante duas décadas, primeiro namorado e responsável por tudo que vivi em junho de 2012; inclusive pelo nascimento de meu filho. Vamos aos fatos, já que história boa é aquela contada com detalhes e do início. Confesso que “reviver” tudo é extremamente prazeroso para mim, pura emoção!

“É reveillon. Dia 31 de dezembro de 2011. Praia de Copacabana. Os fogos iluminam a orla e meu olhar. Meu coração bate forte; sinto um pressentimento — não me pergunte o porquê — de que viverei algo inexplicável, inacreditável, fantástico. Início minhas oferendas à Iemanjá, e aprecio a lua beijando o mar, quando vejo João vir correndo ao meu encontro.

— Iara, só você pode me salvar. Você sabe que minha tese de doutorado foi sobre o Boi-Bumbá e sua importância histórica para a região amazônica; sabe inclusive que o festival folclórico de Parintins foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Iphan, muito por essa minha pesquisa. Resumindo, minha amiga, preciso de suas habilidades jornalísticas para ontem.

— Feliz Ano Novo para você também, João. Explica tudo do início, não entendi nada.

João é um dos melhores historiadores que conheço. Possui vários artigos publicados e dois livros sobre o Folclore Brasileiro. Sempre que posso, brinco que ele deveria escrever sobre coisas de verdade, e não sobre lendas. Brincadeiras à parte, ele é sensacional!

— Sem sarcasmo, ok? Preciso de um artigo sobre o Festival de Parintins. Artigo jornalístico mesmo. Preciso de fotos, de entrevistas, de fatos. Acabei de ser contatado por um jornal português, que encomendou um artigo para o segundo semestre de 2012. Não consigo pensar em outra pessoa para esse feito. Inclusive, nossa viagem para Parintins será financiada por eles”.

Sem saber, minha vida acabava de pegar outra estrada; sem meu consentimento, sem minha aprovação. Simples assim. Os seis meses iniciais de 2012 foram intensos. Antecipei projetos, dispensei alguns outros; e comecei a pesquisar sobre a cidade e o povo que seriam alvos de meu olhar atento. Parintins é a segunda cidade mais populosa do Amazonas, distante 372 km da capital Manaus. Um outro mundo me esperava.

“— O mês de junho chegou, Iara. Partimos para o Amazonas, mas precisamente para o interior, no extremo leste do estado, na semana que vem. Tudo pronto?

— Meu Deus, o tempo voou. Tudo pronto, João. Vamos viver Parintins!

A cidade respira o festival. Ingressos esgotados. Propagandas espalhadas. A rivalidade entre o Boi Garantido e o Boi Caprichoso sentidas no ar. Tanta grandiosidade em uma cidade interiorana, com rios, barcos, povo simples e afetuoso. A identidade regional, orgulhosa de si, transborda pelas esquinas. Bumbás dançam pelas ruas. Parintins se colore de vermelho e azul. O jeito caboclo ganha ares de realeza. A aura de magia se entranha em nossos poros. Estamos inebriados.

Parintins é sede do arquipélago das Ilhas Tupinambaranas, localizada na região da divisa com Pará. A cidade merece minha atenção; percebo que apesar de ser voltada para o festival, há nela inúmeros apelos turísticos. Meu faro jornalístico entra em ação. Ouço falar de seus belos lagos e praias de areias brancas; da Catedral de Nossa Senhora do Carmo – a padroeira de Parintins. Minha curiosidade está a flor da pele.

Despeço-me de João e da equipe; saio com minha máquina fotográfica como única companhia. Ando. Observo. Sinto a vibração da orla do Rio Amazonas. Bares e restaurantes regionais são um convite ao prazer. Desejo um banho de rio. É quase uma necessidade; talvez uma volta as origens. Sorrio sem perceber ao lembrar de Juracy – uma descendente de índios que foi minha babá. Parece que a escuto falando que meu nome Iara era um elo com meu passado amazônico, passado que voltaria à tona, no momento certo. Bobagem ou não, eu me sinto em casa. O cheiro da mata e o cheiro do rio me deixam em êxtase. Resolvo ir ao bar flutuante de Soraya, almoço e me deixo levar pelas águas Amazonenses. Tiro a roupa e mergulho para uma nova vida...

Quanto tempo se passou, não sei. O pôr do sol se faz anunciar. O céu adquire um tom rosado. Sons de pássaros e bichos se tornam cada vez mais intensos. Olho um movimento ondular na água. Fico assustada. Vejo um boto cor de rosa. Sorrio. Ele sorri de volta.

Horas mais tarde, ainda penso no boto, e na minha insensatez de achar que ele havia sorrido para mim. Fiz a bobagem de comentar isso com o João, e com Filó, a dona do bar em que estávamos jantando. Filó respondeu de forma direta e matreira: — Dona Iara, o boto te escolheu. Agora é tarde demais, o bicho é tihoso, não vai desistir da senhora.

— Filó, como assim? Não me diga que você está falando da lenda do boto? Aquela em que em noite de lua cheia, o boto se transforma em um lindo homem e busca uma moça virgem para amar, disse tentando segurar o riso; porém, sem sucesso, minha gargalhada se faz ouvir do outro lado da linha do Equador.

— A senhora está achando graça? Continue rindo, logo estará nos braços do boto, falou Filó, a cabocla simpática e sábia de Parintins.

Voltamos para o hotel, e mesmo sem querer, eu pensava no boto, em seu sorriso. Seria minha imaginação? Custa muito a adormecer. Meu sono é curto e agitado. Sinto o cheiro de terra molhada, aquela da beira de rio. Sinto até o vai e vem das ondulações do riacho em meu corpo. Acordo suada e nua. Minha roupa? Parte na cama e o resto no chão. Não me lembro de ter me despido.

Mais um dia de muito trabalho. Coletando informações e mais do que isso, coletando experiências. O povo de Parintins vive o Boi-Bumbá. É algo além dos sentidos. Uma crença. Por volta das 20h, saímos para jantar. Ouço o som do carimbó. Uma roda de dança se forma na praça em frente ao nosso restaurante. Sugados pela curiosidade e pelo ritmo contagiante, fomos para o centro da roda. Dançamos todos de olhos fechados, e sinto um cheiro de terra molhada que domina o ambiente. Abro os olhos e vejo um lindo homem, que veste um terno branco, usa um chapéu e tem uma flor nas mãos; baila em minha direção e sorri. “Conheço esse sorriso”, penso, mas já é tarde para qualquer averiguação. Eu já danço pela praça, acompanhada desse homem que abraça minha cintura com leveza, de forma encantadora, sublime, sedutora.

Quando dei por mim, já estava sozinha em meu quarto de hotel. Sonolenta, confusa e com o aroma de terra molhada no ar, adormeci. Acordo suada e nua. E satisfeita, extasiada. Por quê? Não sei. Não me lembro de ter me despido e nem de acordar me sentindo tão mulher há tempos.

O último final de semana de junho chegou, e com isso o grande festival de Parintins. Estava super ansiosa para presenciar essa festa, ao mesmo tempo tão grande e tão desconhecida do resto do Brasil. Chegamos ao Centro Cultural e Esportivo Amazonino Mendes, carinhosamente apelidado de Bumbódromo, inaugurado em 1988. É fantástico! Uma espécie de arena com o formato de uma cabeça de boi estilizada, e simplesmente lotado. Havia no local, aproximadamente, trinta e cinco mil pessoas. Minha arrogância oriunda da parte mais ao sul do país, acreditava que a única festa popular capaz de reunir tanta gente seria o carnaval. Ledo engano! Esse lindo encontro acontece desde 1965, e vem se aprimorando e se enchendo de beleza desde então. Meu encantamento exala de meus poros! A floresta está viva e ali diante de meus olhos! Alegorias dos seres que habitam as matas, os batuqueiros com roupas e cocares indígenas – uma justa homenagem aos donos da terra. Os deuses adormecidos da natureza despertam! Eu olho para o João, e penso em como poderia agradecer a tudo isso; sinto renascer em mim um orgulho de pertencer a esse país continental, com tanta riqueza cultural e tão desconhecido de todos nós. Um gigante adormecido. Meu coração pulsa em verde e amarelo; me sinto apaixonada mais uma vez. Pelo Brasil? Pela Amazônia? Não sei. A paixão acelera meus batimentos cardíacos; e quando dou por mim, estou à procura do homem misterioso de terno e chapéu brancos, e que cheira, de forma gostosa, a rio, a mata.

A jornalista Lara se faz presente. Fotografo e entrevisto dançarinos, costureiras; enfim, o povo que vive para esse festival. Possuo um material rico e diferenciado para elaborar um belo artigo, nosso contratante ficará satisfeito. Meu ego sente-se inflado. Passo a recolher meu material, e uma tristeza toma conta de mim. Meu trabalho no Amazonas havia acabado. Começo a sentir um vazio estupefacente, me sinto parte da floresta, parte da terra molhada, me sinto uma habitante do rio Amazonas. João e os outros membros da equipe estavam estupefatos com o espetáculo e famintos. — Vamos jantar, Lara?”, indaga João.

— Não, amigo. Estou muito cansada. Preciso colocar as ideias em ordem. Preciso descansar um pouco. Vou para o hotel, arrumar as malas e dormir. Voltamos amanhã, não é mesmo?

Após perguntar, rezo para que ele prolongue nossa estada.

— É sim. Voltaremos para o nosso Rio de Janeiro. Durma bem, Lara!

Saio da arena. O céu está estrelado de uma forma surpreendente. Um céu negro, como uma caverna, e cravejado de diamantes. Uma brisa fresca corre pela mata e ao longe ouço

uma voz a me chamar de forma doce e envolvente: — laraaaa, laraaaa... te espero minha doce lara.

Aturdida, meus pés caminham com destino certo, sabem exatamente aonde devem me levar. Quando percebo, eu já estou ao lado do bar flutuante de Soraya. A lua se acomoda no leito do rio, iluminando-o com muita generosidade. Um movimento nas águas calmas se faz perceber, e o lindo homem, com seu terno branco e seu chapéu surge ao meu lado e fala: — lara, vamos? Essa é nossa última noite e eu preciso muito te amar. Você voltará a me procurar só quando seu lado índio procriar. Você me dará um filho, e ele seguirá meus passos. Estarei aqui, esperando por vocês. Mas agora, lara, você é só minha.

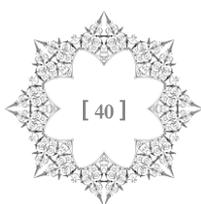
Eu, encantada ou talvez enfeitiçada, sorrio e me entrego. Juntos nos despimos e iluminados pela mãe lua, mergulhamos.

Acordo com a sensação de estar recebendo um beijo molhado, e bem ao longe, ouço as batidas na porta do quarto de hotel e lá fora, João fala: — lara, não se atrase. Nosso voo sai em quatro horas.

— Sim. Claro. Não me atrasarei, digo atordoada. Levanto, e ao me olhar no espelho, vejo o reflexo do rio e o boto se transformando no lindo homem de terno branco, que fala: — Tome conta de nosso filho. Ele se chamará Kauê, e será como eu e você.

Meses se passaram, e tudo parecia pertencer a um passado longínquo, quando em um exame de rotina, descobri que estava grávida. João, meu grande amigo, foi o primeiro a saber, e com muita naturalidade, me perguntou se ele conhecia o pai, e eu disse sorrindo: — Meu Kauê é filho do boto!”

Hoje, procuro em meus sonhos, meus lábios, meus sentidos, qualquer vestígio de minha história vivida, quiçá inventada, por um coração que carece de amor. Confesso que em minhas noites mal dormidas, sinto sua presença. Por inúmeras vezes meu corpo sua por vontade própria e minhas roupas teimam em não me cobrir, permitindo que eu sinta o ondular das águas. Termino meus dias dizendo: — Amazonas, iremos, em breve, nos reencontrar!



**APRESENTAMOS O POEMA**

# **AQUARIANA**

**Por Vinicius Leal**

**Sobre o autor: Possui graduação em História pelo Centro Universitário de Brasília - UNICEUB (2017). É autor de duas biografias: "Barbosa: a saga de um dos melhores goleiros do nosso futebol" e "Vida e Arte de Nonato Leal: atravessamentos de sonhos e sons na Amazônia". É, também, autor de contos publicados em 02 e-books ("No refúgio dos corvos - contos e poemas de terror, aventura e suspense" e "Bruxas - Contos e Poemas - VOL II").**



Ela é aquariana,  
Eu sou leonino,  
Ela é tempestade,  
Eu sou serenidade.

Ela é a razão,  
Eu sou emoção.  
Ela é são paulina,  
Eu sou vascaíno!

Ela é puro sotaque,  
Eu sou atrapalhado.  
Ela é bela,  
Eu sou poeta.

Ela nada mais é que a razão  
do meu existir!  
Eu sou apenas a luz que precisa  
do brilho dela para prosseguir.

Todos os dias  
imagino o nosso lar.  
A cor das paredes,  
a decoração da sala,  
a posição dos moveis,  
os quadros decorativos,  
a banheira de hidromassagem  
e nas canções que cantarei  
para nossos filhos adormecerem.

Nas manhãs  
acenarei para o sol  
entrar no quarto,

abrirei a janela  
para que o seu brilho  
possa lhe deixar ainda mais deslumbrante!

Entre beijos e abraços  
te levarei pelo colo,  
até a varanda  
com lindas orquídeas.  
Ponho a vitrola para tocar  
e convido-te a bailar!

Pegarei em tuas mãos  
e dançaremos "Beauty and The Beast"  
e outras canções que te façam levitar!

No apagar das luzes,  
te levarei aos céus  
e te farei a estrela  
mais incandescente.

Após doces travessuras,  
me encantarei por ti,  
como se cada noite fosse a primeira!

No inverno,  
acenderei a lareira,  
te servirei cálices de vinho  
e te aquecerei até deixá-la em brasa.

No verão,  
caminharemos na praia.  
A brisa passará por teus cabelos  
e a água do mar respingará em tua pele.

No outono,  
contemplaremos as folhas caindo  
e, na primavera, quero vê-la florindo.

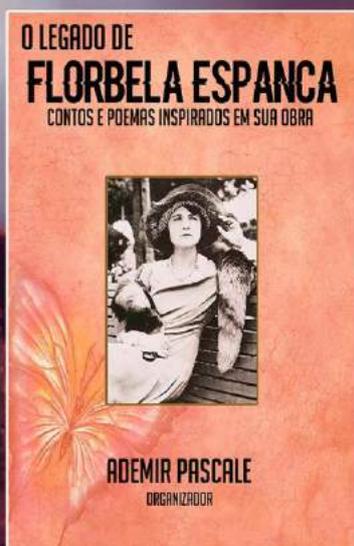
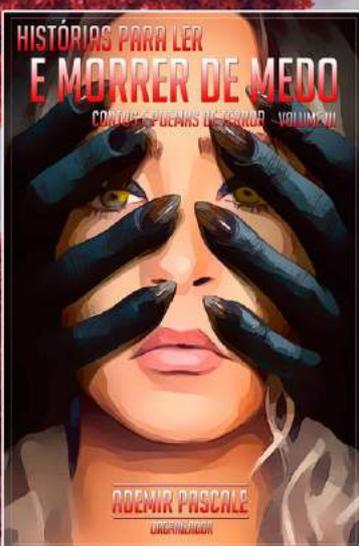
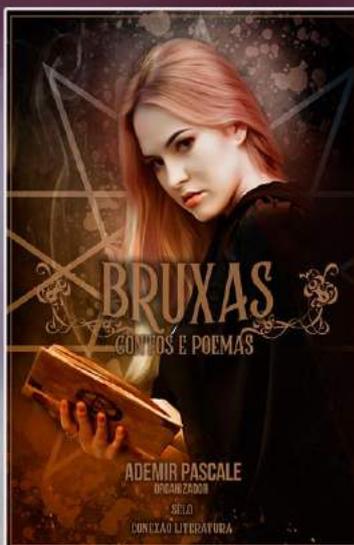
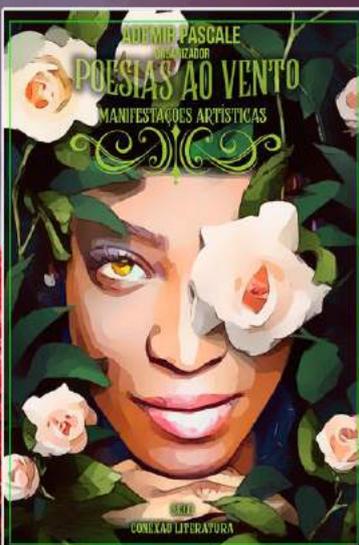
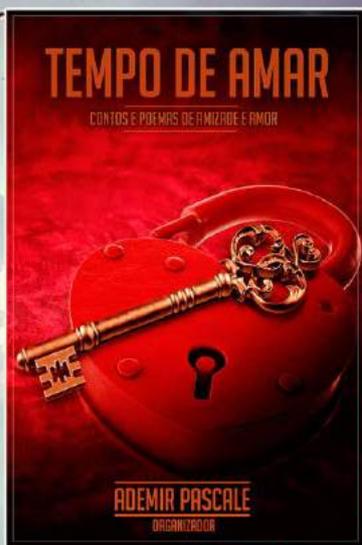
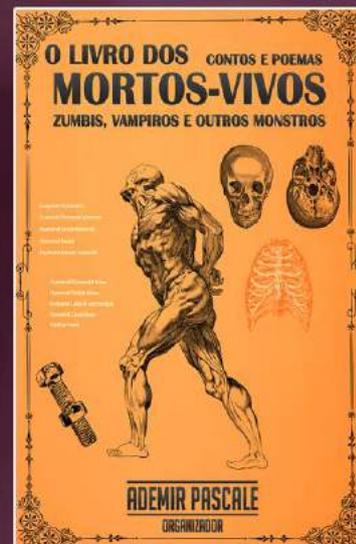
Nos fins de semana,  
faremos maratonas de animes.  
Permanecerei a teu lado,  
abastecerei a despensa da casa  
com guloseimas e besteiras.

Iremos ao parque  
e onde mais desejares.  
Andaremos sempre de mãos dadas!

E, nos momentos difíceis?  
enxugarei tuas lágrimas,  
acariciarei teus cabelos  
e te lembrar que, contigo,  
a vida vale a pena ser vivida!



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**